

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo*

Legado Perverso

Economia
Brasil

NÃO abre mão o Presidente Sarney do crescimento econômico em 1986. Nem poderia ser de outra forma. Uma nação que demanda anualmente mais de 1 milhão de empregos não se pode dar ao luxo da estagnação. Uma economia que conseguiu abrir um "front" externo de quase 40 bilhões de dólares tem, de fato, de prestigiar o fortalecimento interno, criando assim a massa crítica que lhe permite competir no exterior. Um país que, à custa de 50 anos de inteligência e investimentos, com a precedência histórica da iniciativa privada, rompeu o ciclo da pobreza não pode correr o risco de voltar atrás.

A estrela que ilumina o horizonte do Presidente é a mesma que fulge na esperança dos brasileiros: recessão, nunca mais. Precisamos, isto sim, de trabalho; de revolver a terra para dela retirarmos os alimentos de que dependemos, as matérias-primas que trabalharemos com o suor de nossos rostos e a habilidade de nossas mãos, gerando produtos, vendendo, comprando. Esta é, seguramente, a mensagem de Ano Novo que os brasileiros e seu Presidente gostariam de trocar.

Não esqueçamos, contudo, que, no mesmo céu em que brilha a estrela do crescimento, deslocam-se corpos opacos, em trajetórias perigosas, que ameaçam as expectativas deste novo ano que, com tanto ânimo, determinação e justificado otimismo, dá os primeiros passos. Assustam-nos a velocidade com que a inflação cruza nosso horizonte; as dimensões que vai adquirindo a presença do Estado na vida econômica; os freqüentes e difíceis momentos em que se aproxima a renegociação da dívida externa; o calor das tensões sociais, provocado pelas difíceis condições em que vive a maioria da população brasileira e a forma espúria como o padecimento das massas vem sendo explorado.

Não vamos exigir do Presidente o passe de mágica. Problemas como estes não se resolvem do dia para a noite, de um ano para o outro, pois suas raízes são profundas e, mesmo golpeando o caule, voltam a brotar, formando novos troncos. São longas as raízes dos nossos problemas e mergulham na incompetência arrogante.

O Brasil é uma nação que, historicamente, tem sabido manter o equilíbrio de suas contas. Primeiro com matérias-primas, depois com algumas manufaturas leves. Praticando políticas monetárias, fiscais e cambiais convenientes sempre se conseguiu encerrar o ano com pequenos déficits ou superávits em balanço de pagamentos. Perdia-se em um ou dois anos, ganhava-se nos seguintes. Com isto assegurava-se, também, a regularidade dos fluxos externos de recursos, particularmente investimentos diretos, que complementavam o esforço interno de poupança. Em nenhum momento, as dívidas acumuladas, em curtos períodos de tempo, chegavam a ameaçar a economia.

Se o Governo Geisel ouvisse as lições da História e da prudência, por certo os choques do petróleo não teriam marcado tão profundamente a face da econo-

mia brasileira. Foi justamente ao subestimar os efeitos do primeiro choque do petróleo, que gerou mudanças de curso na administração econômica de todos os países de governo sério, que o Governo Geisel lançou as sementes da dívida externa, que hoje constitui o maior impasse nacional. Enquanto os preços do petróleo se multiplicavam, o Presidente declarava que a crise era passageira e firmava contratos e contratos para obras e projetos cuja conclusão se perdia na perspectiva de dois, três mandatos, como os acordos nucleares, peças que até hoje não são claramente conhecidas.

O Presidente queria portos, barragens, hidrelétricas, pontilhar o País de centrais nucleares. Tudo de uma vez. Arcamos com o peso de tudo que está por concluir. Ainda há o que fazer em Itaipu. No Vale do Tucuruí, a corrupção deu as mãos à inépcia e ao autoritarismo para propiciar o enriquecimento ilegal e a inundação de milhões de dólares em reservas de madeira de lei. À exceção de Carajás, os projetos amazônicos estão praticamente abandonados. Enumerem-se outros projetos e se verifica o rosário de decepções.

Sobrou de tudo uma dívida externa de 100 bilhões de dólares. Com ela, semeou-se também a capoeira da inflação. Nunca se realizou tanto em tão pouco tempo? Geisel herdou de seu antecessor uma inflação anual de 15% e entregou-a a seu sucessor nas proximidades dos 60%, e com todos os ingredientes para saltar dos três dígitos, o que ocorreu de fato logo no primeiro ano do Governo Figueiredo. Na história recente do País, não há governante que tenha conseguido quadruplicar a inflação. Nenhum governo terá conseguido, também, criar tantas empresas estatais, nem estatizar tantos empreendimentos privados, nem tanto confundir o público com o privado, ao nomear falsos empresários para gerir projetos estatais como se particulares fossem; e tudo com as benesses do juro de 2%, da correção de 20%, de perdão das dívidas acumuladas no curso da administração, e da posterior encampação da massa falida.

As aspirações prosaicas da sociedade, como a escola, o médico, o pão, o salário, respondia-se com marcial indiferença ou com rigor imperial. O Presidente só pensava grande e não se deixava envolver na mediocridade da saúde, da alimentação, esqualidos clamores de "ces gens là bas". Grandes assim se tornaram os bolsões de miséria, as legiões de marginalizados.

Este é o charco onde se abastecem as raízes da dívida, da estatização, da inflação, das desigualdades sociais, do pauperismo. Não se pode esperar que o Presidente Sarney consiga extirpá-las, no curso de um ano, ou sequer no curso de seu mandato, mas é importante que ele seja alertado da herança que recebeu e da necessidade de, contra ela, abrir luta permanente, sem trégua, sem quartel. Queremos todos crescer, mas esta Nação, que celebra o Ano Novo com muitas esperanças, aguarda com a mesma fé o momento de se desfazer deste legado perverso.